



Revista da Universidade Vale do Rio Verde
ISSN: 1517-0276 / EISSN: 2236-5362
v. 22 | n. 1 | Ano 2023

Walk Loureiro

Prefeitura Municipal de Vitória (PMV)
loureiro.walk@gmail.com

Paulo Pires de Queiroz

Universidade Federal Fluminense (UFF)
Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)
ppqueiroz@yahoo.com.br

“CANTANDO O ÁLCOOL” NAS MÚSICAS BRASILEIRAS: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO

RESUMO

O artigo apresenta um estudo que se valeu da análise de conteúdo para investigar as mensagens transmitidas por músicas brasileiras que tematizam o álcool em suas letras. Seu objetivo foi analisar o sentido atribuído à bebida alcoólica em letras de músicas de artistas da música brasileira. Como resultados, apresenta que houve uma mudança no sentido atribuído à droga álcool na música brasileira produzida mais recentemente com especial destaque para as mensagens transmitidas que indicam: o silenciamento dos males que o álcool faz para quem bebe de maneira problemática; um estímulo ao consumo exagerado de bebidas alcoólicas (consumo em *binge*); preconceitos e estereótipos relacionados ao alcoolismo e às pessoas que têm problema com o uso de álcool. Conclui que a maior taxa de álcool pode ser interessante, desde que os valores arrecadados sejam investidos por políticas públicas de saúde e educação no tratamento e prevenção ao uso problemático de álcool e na formação de professores.

Palavras-chave: Álcool. Música. Análise de conteúdo. Binge. Drogas.

“SINGING ABOUT ALCOHOL” IN BRAZILIAN MUSIC: A CONTENT ANALYSIS

ABSTRACT

This paper presents a study, which used the content analysis to investigate the messages conveyed by Brazilian songs that discuss alcohol in their lyrics. Its goal is to analyze the meaning attributed to alcoholic beverages in music lyrics from Brazilian music artists. As of results, it presents a change in the sense attributed to the alcohol drug in the Brazilian music produced recently, with a special highlight to the conveyed messages that indicate: the silencing of the harm the alcohol produces to those who drink it in a problematic manner; a stimulus to the exaggerated consumption of alcoholic beverages (binge drinking); prejudices and stereotypes related to alcoholism and to the people who have problems with alcohol usage. It concludes that a higher taxation of the alcohol may be interesting, provided that the amounts collected are invested in public health and education policies for the treatment and prevention of the problematic use of alcohol and for teacher training.

Keywords: Alcohol. Music. Content analysis. Binge drinking. Drugs.

1. DROGA LEGAL OU ILEGAL? UMA QUESTÃO DE INTERESSE.

Desde o princípio da história humana, o uso de substâncias psicoativas (que atualmente costumamos chamar de drogas legais ou ilegais) foi tornado um hábito entre as mais diversas culturas (ESCOHOTADO, 2008). Consumidas com finalidades ritualísticas, medicinais, recreativas, ingeridas para matar a curiosidade do que causariam no organismo, usadas para ampliar ou inebriar os sentidos, inclusive para promover a fuga da realidade (HAMILTON, 2019), as drogas, em maior ou menor medida, continuam fazendo parte da vida humana de nosso tempo.

Além de fazer o uso desde a origem da humanidade, não devemos esquecer que, durante muitas décadas, diversas drogas foram distribuídas e consumidas ao redor do globo, sem grandes problemas e/ou julgamentos morais que afetassem a comercialização e/ou o uso desses produtos, pois o ópio, a maconha e a cocaína são algumas das substâncias que foram muito presentes na vida social por bastante tempo (MARTINDALE, 1886; COHEN, 2014; HART, 2014). Talvez o caso mais emblemático de droga (atualmente ilegal) que foi amplamente difundida e autorizada seja o da cocaína.

Quando Niemann conseguiu, em 1859, extrair das folhas da coca esse fármaco (SCHATZMAN; SABBADINI; FORTI, 1976), este passou a ser usado em diversos procedimentos médicos devido ao efeito anestésico local que produzia (MARTINDALE, 1886), chegando até mesmo a fazer parte da primeira fórmula da Coca-Cola (HUTT, 2001). Vale destacar que, por mais que a empresa tente negar e busque apagar de sua história o próprio nome de batismo dessa bebida –

coca, de cocaína e cola, da noz de cola – denuncia que a Coca-Cola não foi originalmente projetada para ser o refrigerante que conhecemos, mas um medicamento patenteado com cocaína em sua formulação (PENDERGRAST, 2013).

Desde o momento em que os Estados modernos passaram a formular políticas públicas para lidar com a questão das drogas, diversas ações foram sendo adotadas, baseadas no binômio proibição-punição, e muitas drogas acabaram proibidas (RIBEIRO, 2013). No Brasil, somente em 1914, com a aprovação em território nacional da Convenção Internacional do Ópio (BRASIL, 1914), e em 1921, com a promulgação do Decreto 4.294 – que penalizou o fornecimento de “substâncias venenosas” sem autorização (BRASIL, 1921) –, passamos a ter legislações que proscreveram o uso de diversos produtos psicoativos.

Quanto ao álcool, citado no Decreto 847 de 1890 (BRASIL, 1890) – que passou a considerar a embriaguez crime passível de prisão –, sabemos que essa bebida jamais foi proibida em solo brasileiro. Curiosa condição, tendo em vista que essa substância pode ser apontada como um dos principais problemas à saúde pública brasileira (DAMASCENA *et al.*, 2016). Uma situação que tende a piorar, tendo em vista que, nas duas últimas décadas, o consumo de álcool do brasileiro cresceu, passando de 5 a 6 litros *per capita* em 2003 (ANTHONY, 2009) para 7,8 litros *per capita* em 2016 (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2018).

Para demonstrar que não estamos exagerando em apontar o álcool como um importante agravamento à saúde dos brasileiros, é preciso trazer algumas informações: (1) a Organização Mundial da Saúde (OMS) calcula que 5,3% das

mortes (3 milhões em valores absolutos) que, em 2016, aconteceram em todo o mundo foram causadas pelo uso prejudicial de álcool; em outras palavras, as bebidas com álcool mataram mais do que a tuberculose, a diabetes e a síndrome da imunodeficiência humana em 2016 (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2018); (2) segundo a Organização Pan-Americana da Saúde, (2020, p. 2), “o álcool é um importante fator de risco para mortalidade e morbidade na região das Américas”, causando, em 2016, 6,5% das mortes no continente e ceifando o equivalente a 18,9 milhões de anos de vida que essas pessoas do continente americano poderiam viver; (3) o consumo de álcool aumenta riscos agudos e crônicos à saúde, pois produz o enfraquecimento do sistema imunológico (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2020), contribui no aparecimento de uma série de problemas de saúde e doenças¹ (ANTHONY, 2009; REHM *et al.*, 2010), auxilia no aumento da incidência de infecções facilitadas por mecanismos comportamentais e biológicos como o vírus da imunodeficiência humana (HIV), a tuberculose e uma série de infecções respiratórias (MOROJELE *et al.*, 2021); (4) o consumo de álcool é um importante favorecedor e agravador de brigas e agressões no Brasil (ANTHONY, 2009; GARCIA; FREITAS; GAWRYSZEWSKI; DUARTE, 2015), bem como de acidentes de trânsito (ARAÚJO *et al.*, 2015), afinal, 78% dos motoristas brasileiros que se envolvem em acidentes fatais costumam testar positivo para álcool (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2018).

¹ Entre os principais problemas de saúde e doenças que o álcool pode causar, podemos citar: diabetes mellitus, transtornos causados pelo uso do álcool, depressão, hipertensão, isquemia cardíaca, acidente vascular

Diante dos prejuízos que a bebida alcoólica pode gerar na vida do brasileiro, quando usada de maneira abusiva, será preciso alertar o leitor sobre os valores que o álcool movimentava tanto nos gastos feitos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) para tratamento quanto na indústria do álcool e sobre a forma como o índice de pessoas que têm usado álcool de maneira problemática no Brasil tem crescido ao longo dos anos.

2. DADOS SOBRE O CONSUMO DE ÁLCOOL NO BRASIL E NO MUNDO E O DINHEIRO QUE ESSA DROGA MOVIMENTA

De acordo com Coutinho *et al.* (2016), o custo médio anual, entre 2008 e 2010, do SUS com atendimentos (internação e atendimentos em enfermaria) oferecidos a quem mantém consumo de risco de álcool foi US\$ 8.262.762,00.

Tal situação provavelmente piorou um pouco, tendo em vista o crescimento observado entre os adultos que participaram da pesquisa chamada Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (VIGITEL), desde sua criação (Gráfico 1).

No referido estudo, realizado anualmente entre 2007 e 2021 – mas os dados de 2021 ainda não foram disponibilizados –, ficou constatado que houve ligeira subida no percentual geral de pessoas de 18 anos ou mais, residentes nas capitais brasileiras e no Distrito Federal, que consumiram álcool abusivamente em uma mesma ocasião nos últimos 30 dias anteriores à realização do VIGITEL.

cerebral, disritmias cardíacas, parto prematuro, síndrome do álcool fetal e diversos tipos de câncer (ANTHONY, 2009; REHM *et al.*, 2010).

Com base em uma análise mais atenta desses dados (Tabela 1), é possível projetar uma tendência para o aumento do uso de álcool de maneira abusiva entre as mulheres nos próximos anos e uma provável manutenção dos atuais valores entre os homens. Fazemos tal afirmação por meio da estratificação e comparação dos dados do VIGITEL por períodos e por gênero:

- entre as mulheres de 2007 a 2011, uma média de 9,8% assumiu realizar um consumo de risco de álcool; de 2012 a 2016 essa média subiu para 10,3%; e, de 2017 a 2020, esse tipo de consumo foi admitido por uma média de 13,1% das entrevistadas;

- entre os homens, o percentual que admite um consumo de risco de álcool flutuou entre o valor mínimo de 24,2% em 2013 e o máximo de 28,8 em 2009. Com valores de: média de 27,1% no período de 2007 a 2011; 25,9% entre 2012 e 2016; 26,3% entre 2017 e 2020; média geral de 26,4% entre 2007 e 2020; e mediana de 26,6% nesse mesmo período; tudo indica que pequenas oscilações para cima e para baixo no consumo entre os homens é algo comum.

Quanto aos valores que a indústria do álcool movimenta, sabemos que: no Brasil, essa substância psicoativa gerou algo em torno de R\$ 128 bilhões em vendas em 2018 e R\$ 137 bilhões em 2019 (PASQUALI, 2021); ao redor do globo, as bebidas com álcool movimentaram US\$ 1,67 trilhão em 2019; US\$ 1,49 trilhão em 2020; e US\$ 1,55 trilhão em 2021 (STATISTA, 2022).

É preciso compreender o que todos esses dados podem significar: acreditamos que o mercado do álcool crescerá nos próximos anos em produção e lucratividade; esperamos maiores produção e consumo de álcool pelos brasileiros, o que fatalmente causará mais danos à população,

especialmente entre as mulheres, se não forem tomadas providências para conter, pelo menos, o uso abusivo do álcool.

Diante de todo esse cenário, decidimos realizar uma pesquisa focada em uma importante faceta da vida do brasileiro: acreditamos que a música brasileira esteja contribuindo, em alguma medida, para o paulatino aumento do consumo de álcool em nossa sociedade. Afinal, temos a impressão de que diversas canções de sucesso e apreciadas pelo grande público nacional mais atualmente fazem forte apologia ao uso de álcool, apontam essa droga como solução para os problemas, bem como banalizam a doença alcoolismo.

A análise de músicas faz-se importante por entendermos que elas retratam o imaginário e podem apresentar as representações do povo brasileiro acerca do álcool, uma vez que, de acordo com Lopes, Silva e Guerra (2018, p. 166), a música “[...] reside em lugar especial na vida do ser humano, na interseção daquilo que percebemos como o universo físico e a esfera psicológica das emoções e afectos [...] [afinal,] a música é capaz de suscitar várias formas de emoções e afeto de maneira idiossincrática [...]”.

Diante do que fora discutido até aqui, buscaremos analisar neste trabalho o seguinte: Quais mensagens são transmitidas pelas músicas brasileiras que tematizam o álcool em suas letras?

Consideramos essa questão de pesquisa pertinente tendo em vista nossa compreensão de que a bebida alcoólica é tratada com muita permissividade social (BARBOZA; CARDOSO, 2016), celebrada cada vez mais a plenos pulmões pelos cantores brasileiros, apesar de o consumo aumentado de álcool, contraditoriamente, contribuir sobremaneira para a etiologia do

alcoolismo e para o surgimento e a manutenção de problemas econômicos, sociais e de saúde enfrentados pelos brasileiros (GALDURÓZ; CAETANO, 2004).

3. ITINERÁRIO METODOLÓGICO

Para a realização deste estudo, optamos pela análise de conteúdo que, segundo Bardin (2011), não representa um método em si, mas um conjunto de técnicas, um leque de apetrechos, por meio dos quais buscamos analisar o processo comunicativo. Trata-se da construção de um processo para a consecução de análise do significado e do sentido das mensagens transmitidas, as quais podem ser verbais (orais, escritas), documentais, gestuais, entre outras (FRANCO, 2021).

As mensagens que interessam para nossa análise são as verbais, orais e escritas, transmitidas pelas músicas que tratam de bebidas alcoólicas. Considerando a opinião de Sacks (2007) de que **a música pode ser abstrata** – não representando algo específico nem externo – **e emocional ao mesmo tempo** – tendo o poder de expressar sentimentos e alguns dos estados mais íntimos da pessoa –, interessa para nossa análise a propriedade que as músicas têm de penetrar no coração e nas mentes das pessoas diretamente, sem necessidade de mediação. Não que as músicas determinem o comportamento humano, mas é inegável que, como discurso construído e cantado por alguns interlocutores (compositores e cantores), elas podem influenciar, em alguma medida, nas ações e no comportamento humanos (LIOTO, 2012).

Interessa-nos, portanto, identificar e compreender quais mensagens são transmitidas acerca do álcool pela música brasileira para seus ouvintes. Para tanto, entendemos que as músicas não podem ser analisadas de maneira isolada, pois elas estão articuladas às condições contextuais de seus produtores (FRANCO, 2021) – sociais, econômicas, políticas, culturais, históricas.

Como existem mais de cem músicas que poderiam ser elencadas para esse tipo de estudo, optamos por: (1) lembrar músicas que ouvimos ao longo de nossa vida e fazem alguma menção implícita ou explícita ao consumo de álcool; (2) conhecer as principais canções que se encontraram (ou ainda se encontram) nas “paradas de sucesso” durante os últimos dez anos e versam sobre a bebida alcoólica.

Localizamos 45 canções² que foram todas ouvidas, lidas e analisadas em sua integralidade. Para ouvi-las, acessamos o *Youtube* (www.youtube.com) e dois populares serviços de *streaming* de música: *Spotify* e *Amazon Music*. Para que a audição das músicas pudesse ser acompanhada de leitura das letras, utilizamos os *sites* Vagalume (www.vagalume.com.br) e Letras (www.letras.mus.br), para melhor compreensão da mensagem transmitida por elas.

Entre as músicas identificadas, podemos classificá-las como: duas sertanejas mais antigas; oito *rocks* nacionais; quatro sertanejas “modernas” e trinta e uma sertanejas universitárias, forró eletrônico e bregas (gravadas entre 2013 e 2021).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

² Temos consciência que é muito provável que o leitor lembre de alguma(s) música(s) não incluídas em nosso texto. que nosso estudo não abarcou. Vale destacar, contudo, que não tivemos a pretensão de levantar todas as músicas sobre álcool gravadas no Brasil, tarefa

extremamente complicada e muito difícil de ser cumprida com sucesso.

Apresentaremos a seguir a análise de conteúdo realizada das músicas que rememoramos – e ouvimos em nosso tempo de infância, adolescência e juventude –, bem como as que foram levantadas nas “paradas de sucesso” nos últimos quase dez anos, demarcando as diferenças observadas nas mensagens transmitidas ao público em cada fase e/ou estilo analisado.

4.1 Sertanejas “antigas”

A música mais antiga que faz parte de nosso *corpus* de análise chama-se “Marvada Pinga”, também conhecida como “Festa no Tietê” e como “Moda da Pinga”. Apesar de a composição ser datada de 1937, ela ficou mais conhecida depois de ter sido interpretada pela cantora Inezita Barroso em 1953 e, na década de 1980, pela dupla Pena Branca e Xavantinho. Ela é conhecida por um dos autores do artigo que a ouvia por intermédio de seu pai, apreciador da chamada música caipira. A letra da música é a seguinte:

Marvada Pinga (1980)

Com a marvada pinga
É que eu me atrapaio
Eu entro na venda e já dou meu taio
Pego no copo e dali num saio
Ali memo eu bebo, ali memo eu caio
Só pra carregar é que eu dô trabaio

Venho da cidade e já venho cantando
Trago um garrafão que venho chupando
Venho pros caminho, venho trupicando
Chifrando os barranco, venho cambetiando
E no lugar que eu caio, já fico roncando

O marido me disse, ele me falou: Largue de beber, peço por favô
Prosa de homem nunca dei valô
Bebo com o sor quente pra esfriar o calô
E bebo de noite é pá fazê suadô

Cada vez que eu caio, caio deferente
Meaçõ pá trás e caio pá frente
Caio devagar, caio de repente
Vô de corrupio, vô deretamente
Mas sendo de pinga, eu caio contente

Pego o garrafão e já balanceio que é pá mor de vê se tá mesmo cheio
Num bebo de vez porque acho feio
No primeiro gorpe chego inté no meio
No segundo trago é que eu desvazeio

Eu fui numa festa no Rio Tietê
Eu lá fui chegando no amanhecer
Já me dero pinga pra mim bebê
Já me dero pinga pra mim bebê e tava sem fervê

Eu bebi demais e fiquei mamada
Eu caí no chão e fiquei deitada
Aí eu fui pra casa de braço dado
Ai, de braço dado é com dois sordado
Ai, muito obrigado!

Para além da irreverência presente na música, percebida pelo uso do linguajar típico do caipira brasileiro e pelo jeito irônico por meio do qual a música é interpretada, há uma compreensão de que a aguardente, também conhecida como pinga e cachaça, faz mal, pois ela é adjetivada como “marvada” que faz cair, trupicar, cambaleiar, ficar mamado.

O uso problemático também fica patente, tendo em vista que a pessoa chega ao bar para beber até cair, tendo de ser carregada para casa. Sem falar que toda vez que a pessoa vai beber do garrafão de cachaça, ela toma a metade do conteúdo de uma vez e só não toma por achar feio virar tudo de uma vez.

É interessante a data de criação da canção “Marvada Pinga” e suas regravações, o que indica que o problema de muitos brasileiros com o álcool não é de hoje, vindo, pelo menos, desde a década de 1930 e persiste há muito tempo, tendo em vista as regravações feitas da canção.

A segunda canção analisada foi gravada originalmente por Tônico e Tinoco em 1988, mas fez grande sucesso quando cantada por Sérgio Reis, quando o mesmo iniciou, junto a outros artistas, uma fase mais “comercial” da música sertaneja:

Pinga Ni Mim (1988)

Nessa casa tem goteira
Pinga ni mim, pinga ni mim, pinga ni mim
Nessa casa tem goteira
Pinga ni mim, pinga ni mim, pinga ni mim

Lá no bairro aonde eu moro
Tem alguém que eu adoro
Ela é minha ilusão
Pra aumentar o meu castigo
Meu amor brigou comigo
Me deixou na solidão

Por incrível que pareça
Ela fez a minha cabeça
Tô morrendo de paixão
Pra curar o meu despeito
Vou meter pinga no peito
Sufocar meu coração

Em “Pinga Ni Mim”, a pinga é citada como a bebida ideal para curar a solidão, anestésias a paixão não correspondida e auxiliar o coração a sofrer menos pelo abandono da pessoa amada.

4.2 Rock nacional

Existem algumas referências ao álcool em músicas compostas por bandas do *rock* nacional que ouvimos em nossa adolescência/juventude entre 1980 e 1990, como será visto a seguir. As músicas “Porque a gente é assim?” (Barão Vermelho, 1984), “Louras Geladas” (RPM, 1985), “Eduardo e Mônica” (Legião Urbana, 1986), “Diversão” (Titãs, 1987), “Refrão de Bolero” (Engenheiros do Hawaii, 1987), “Puteiro em João Pessoa” (Raimundos, 1994), “Pinga” (Pato Fu, 1996) e “Saideira” (Skank, 1998), são alguns bons exemplos. Vejamo-las a seguir.

Porque a gente é assim? (1984)

Mais uma dose?
É claro que eu estou a fim
A noite nunca tem fim
Por que que a gente é assim?

Na música “Porque a gente é assim?”, percebemos o alto consumo de álcool, uma vez que sempre se está a fim de outra dose. Além disso, o

interlocutor sabe que, iniciada a bebedeira, a noite não terá “hora para acabar”, mesmo que amanheça. Apesar do uso de bebidas alcoólicas sem hora para acabar, passa-se a mensagem que tal comportamento não faz bem ao ponto de se perguntar a quem está bebendo com ele: “Por que que a gente é assim?”

Na canção “Louras Geladas”, nome popularmente dado à cerveja no Brasil por sua coloração amarelada, o consumo de álcool é feito com o objetivo de esquecer a falta de correspondência da pessoa desejada.

Louras Geladas (1985)

Disfarça e faz que nem me viu, não me ouviu
te chamar
Desfaz assim de mim que nem se faz com
qualquer um

Agora eu sei
Passei por cada papel e rastejei, tentando entrar
no seu céu
Agora eu sei, sei, sei
Passei por cada papel me embriaguei e acordei
num bordel

[...]

Na madrugada, na mesa do bar
Loiras geladas vêm me consolar

Qualquer mulher é sempre assim vocês são
todas iguais
Nos enlouquecem então se esquecem já não
querem mais.

Contudo, basta ingerir algumas cervejas que o consolo vem. O problema é que, depois de beber além da conta, nosso interlocutor recobre sua consciência dentro de um bordel, sem muita noção do que o fez até chegar ali, reconhecendo que não agiu muito bem estando bêbado.

A banda Legião Urbana também tematizou, ainda que indiretamente em suas letras, o uso de drogas em algumas de suas canções. Para a presente análise, temos especial interesse na

canção “Eduardo e Mônica”, uma das mais conhecidas do grupo musical.

Eduardo e Mônica (1986)

Eduardo abriu os olhos mas não quis se levantar
Ficou deitado e viu que horas eram
Enquanto Mônica tomava um conhaque
No outro canto da cidade
Como eles disseram

Eduardo e Mônica um dia se encontraram sem querer
E conversaram muito mesmo pra tentar se conhecer
Foi um carinho do cursinho do Eduardo que disse
- Tem uma festa legal e a gente quer se divertir

Festa estranha, com gente esquisita
- Eu não estou legal, não aguento mais birita
E a Mônica riu e quis saber um pouco mais
Sobre o boyzinho que tentava impressionar
E o Eduardo, meio tonto, só pensava em ir pra casa
- É quase duas, eu vou me ferrar

[...]

Ele aprendeu a beber,
Deixou o cabelo crescer
E decidiu trabalhar.
E ela se formou no mesmo mês
Que ele passou no vestibular.

A bebida alcoólica aparece citada como parte da diversão nas festas da juventude, como substância socializadora, mas que deixa tonto quem ainda não está acostumado a consumir álcool como nas passagens: “Eu não estou legal, não aguento mais birita” e “E o Eduardo, meio tonto, só pensava em ir pra casa”.

Nada que não pudesse ser superado com a ajuda de Mônica, pois, antes mesmo de eles se conhecerem, ela já fazia o uso de bebidas alcoólicas mais fortes, como podemos ver na passagem: “Mônica tomava um conhaque. No outro canto da cidade”. Sobre essa mensagem presente em “Eduardo e Mônica”, é preciso dar destaque à informação trazida pelos estudos realizados por Becker (2008) e Hart (2014) de que

são os usuários costumazes de drogas que costumam iniciar quem ainda não experimentou tais substâncias. Nesse sentido, quem usa drogas regularmente tem o papel de tanto ensinar ao novato como fazer uso quanto orientar o principiante na percepção dos efeitos dos entorpecentes e, com o tempo, na apreciação do “barato” que dá.

A banda Titãs trata das drogas na música “Diversão” e aponta que o consumo exagerado de álcool é feito na busca por distração, fuga da realidade, esquecimento das fraquezas, das inseguranças, para tentar amenizar a solidão.

Diversão (1987)

A vida até parece uma festa
Em certas horas isso é o que nos resta
Não se esquece o preço que ela cobra
Em certas horas isso é o que nos sobra.

Ficar frágil feito uma criança
Só por medo ou por insegurança
Ficar bem ou mal acompanhado
Não importa se der tudo errado

Às vezes qualquer um
Faz qualquer coisa
Por sexo, drogas e diversão
Tudo isso (tudo isso)
Às vezes só aumenta
A angústia e a insatisfação

Às vezes qualquer um enche a cabeça de álcool
Atrás de distração
Nada disso (nada disso)
Às vezes diminui a dor e a solidão

Tudo isso, às vezes tudo é fútil
Ficar ébrio atrás de diversão
Nada disso, às vezes nada importa
Ficar sóbrio não é solução

Diversão, solução sim
Diversão, solução pra mim.

A canção aponta que o uso das drogas, especialmente o álcool, engana, é passageiro, mas também ficar sem ingerir entorpecentes não ajuda muito.

A letra de “Refrão de Bolero”, dos Engenheiros do Hawaii, mostra alguém arrependido, por ser “sincero demais” no relacionamento amoroso, que busca esquecer seus erros na bebedeira.

Refrão de bolero (1987)

Eu que falei nem pensar.
Agora me arrependo, roendo as unhas
Frágeis testemunhas, de um crime sem perdão
Mas eu falei sem pensar
Coração na mão, como refrão de bolero
Eu fui sincero como não se pode ser

Um erro assim tão vulgar
Nos persegue a noite inteira e quando acaba a bebedeira, ele consegue nos achar
Num bar, com um vinho barato, um cigarro no cinzeiro, e uma cara embriagada no espelho do banheiro.

O problema é que, quando o efeito entorpecente do vinho (barato) começa a passar, se toma consciência de que o erro ainda está ali para atormentar, apesar da presença dos efeitos colaterais da embriaguez.

Outra música, chamada “Puteiro em João Pessoa”, gravada pela banda Raimundos, fez bastante sucesso entre os roqueiros na década de 1990 e cita o consumo de álcool em duas passagens.

Puteiro em João Pessoa (1994)

A vida me presenteou
Com dois primos já marmanjo
Muito justo era o Augusto
E o safado era o Berssange
Numa tarde ensolarada
Toda aquela criançada tomando refrigerante
E com a família embebedada
Foi mais fácil armar a bimbada
Prum recém adolescente

[...]

E o forró comia solto, tinha um velho dos óio torto
De tanto beber cachaça [...]

Fui num puteiro em João Pessoa
E descobri que a vida é boa

Foi minha primeira vez.

Na primeira passagem, percebemos o álcool como substância de uso comum dos adultos no encontro de família, a ponto de chegar até embebedar os mais velhos: “Toda aquela criançada tomando refrigerante. E com a família embebedada”. No segundo trecho, a cachaça, bebida alcoólica de menor valor comercial e maior percentual etílico, aparece como substância de consumo no forró que acontecia dentro do prostíbulo que estava sendo visitado. Havia inclusive uma pessoa mais velha que já apresentava efeitos em seus olhos de tanta ingestão de cachaça: “E o forró comia solto, tinha um velho dos óio torto. De tanto beber cachaça [...]”.

Também a banda mineira Pato Fu gravou uma música chamada “Pinga”, cujo protagonista aparenta não saber bem o que quer da vida.

Pinga (1996)

Eu tomo pinga
Eu não sei o que é melhor pra mim
Eu tomo pinga
Mesmo já sabendo o que vai dar no fim

Eu tomo pinga
Será que eu tô gostando de viver assim?
Eu tomo pinga
Será que isso é bom ou ruim?

A personagem demonstra também sérias dúvidas se tomar cachaça é bom ou ruim, além do fato de ela saber que os efeitos gerados são passageiros – “Eu tomo pinga. Mesmo já sabendo o que vai dar no fim”.

Alguns anos mais tarde, o álcool é tematizado por outra banda mineira, o Skank, como substância capaz de retirar a inibição das pessoas. Vale lembrar, antes de apresentar a letra da música, que a saideira é aquela última dose que se toma antes de sair de um bar ou de uma festa.

Saideira (1998)

Tem um lugar diferente
Lá depois da saideira
Quem é de beijo, beija
Quem é de luta, capoeira

Tem um lugar diferente
Lá depois da saideira
Tem homem que vira macaco
E mulher que vira freira

Comandante! Capitão! Tio! Brother!
Camarada! Chefia! Amigão! Desce mais uma
rodada (2x)

Desce mais, desce mais

Tem um lugar diferente. Lá depois da saideira
Tem bandeira que recolhe. Tem bandeira que
hasteia

Tem um lugar diferente. Lá depois da saideira
É tomando uma gelada. Que se cura a
bebedeira.

A mensagem que a música passa é que, depois de ter bebido o suficiente para eliminar as resistências que a sobriedade sustenta, as pessoas passam a se soltar mais, ficam mais valentes e corajosas, menos receosas e medrosas sobre ações que não adotariam sóbrias. Outro ponto interessante trazido pela música é a afirmação de senso comum de que só se cura a bebedeira no dia seguinte, ingerindo mais álcool. Trata-se de uma afirmação não comprovada cientificamente e, apesar do efeito anestésico que o consumo de bebida alcoólica pode gerar no dia da ressaca – aliviando alguns efeitos colaterais posteriores à bebedeira – pode conduzir o sujeito à dependência, ao ingerir, a cada dia, mais bebidas (CIENTÍFICOS SOBRE RUEDAS BIG VAN, 2016).

Como é possível perceber o consumo de álcool aparece citado em todas as canções do rock brasileiro anteriormente citadas. Mas é digno de nota que em seis delas há uma certa preocupação sobre os efeitos indesejados, por vezes nocivos, dessas substâncias, bem como dúvidas quanto ao

suposto bem que tais substâncias entorpecentes fariam e sobre os motivos que levam as pessoas a usar álcool.

4.3 Sertanejo “moderno”

Durante o período de “redescoberta” da música sertaneja brasileira, que aconteceu entre o fim dos anos 1980 e os primeiros anos de 2010, chegamos a escutar algumas músicas que trataram do uso de álcool como atenuação dos sentimentos e resolução dos problemas, a saber: “Espuma da Cerveja” (Gian e Giovani, 1988); “Cerveja” (Leandro e Leonardo, 1997); “Nos Bares da Cidade” (Rick e Renner, 2001); e “Beber, beber...” (Leonardo, 2011).

Espuma da Cerveja (1988)

Numa boate era quase meia-noite
Eu fui beber para esquecer quem me esqueceu
[...]
Uma cerveja foi o brinde à nossa dor
E na espuma que cobria os nossos copos
Um velho amor cedeu lugar a um novo amor

Espuma da cerveja
Vai acabando aos poucos
Espuma da cerveja
Quase me deixa louco.

Cerveja (1997)

Hoje é sexta-feira, chega de cansaço
Nada de tristeza, pega uma cerveja
Põe na minha mesa

Hoje é sexta-feira, traga mais cerveja
Tô de saco cheio, tô pra lá do meio
Da minha cabeça

Chega de aluguel (chega de aluguel)
Chega de patrão
O coração no céu, e o sol no coração
Pra tanta solidão

Cerveja, cerveja, cerveja, cerveja, cerveja,
cerveja.

Nos Bares da Cidade (2001)

Garçom, me traga outra garrafa de cerveja
Vou ficar sozinho nessa mesa
Eu quero beber e chorar por ela

Garçom, a minha vida agora tá de ponta cabeça
Já tentei, mas nada faz com que eu esqueça
Os olhos e os lábios daquela mulher

Garçom, ela saiu de vez da minha vida
E agora eu busco uma saída
Minha história de amor acaba em solidão

Garçom, se eu ficar muito chato
E der algum vexame, pegue toda a minha
cerveja e derrame
Faça o que ela fez com a minha paixão

Derrama cerveja, derrama, derrama a tristeza
do meu coração
Que essa angustia é uma bebida misturada,
batida com a solidão

Derrama cerveja, derrama enquanto eu
derramo toda essa saudade
Eu sou apenas um qualquer, bebendo por
mulher, nos bares da cidade.

Beber, beber (2011)

Segunda-feira eu vou pro bar, terça-feira eu
vou também
Beber, beber, beber, beber
Quarta é pra comemorar, quinta não tem pra
ninguém
Beber, beber, beber, beber

Sexta-feira tem, fim de semana tem
[...]
Eu sou o cara, pode levar fé
A semana inteira eu caio na zoeira
Eu abro e fecho o cabaré.

Percebemos que as quatro músicas
rememoradas trataram do álcool como útil para
esquecer a mulher amada, atenuar o cansaço,
diminuir os problemas, trazer alegria, entre outras.

4.4 Sertanejo universitário, forró eletrônico, brega

Ao acessar, ouvir e analisar as letras das
músicas que identificamos nos últimos quase dez
anos, conseguimos encontrar elementos comuns
que nos fizeram agrupar trechos delas que fazem
menção ao álcool em quatro categorias de análise:
álcool para esquecer os problemas, com 24
ocorrências; **banalização do alcoolismo**, 17 vezes;
beber de maneira compulsiva, com 9 menções e
álcool para festejar, em 4 aparições.

Inicialmente é preciso destacar o grande
número de músicas levantadas. Se, desde 1980 até
2011, encontramos 14 canções, entre 2013 e 2021
localizamos 31. Isso dá uma média de menos de
uma música a cada dois anos na primeira etapa da
análise já apresentada contra quase três músicas e
meia por ano na fase que será discutida a seguir.
Isso nos dá uma noção de que o álcool nunca foi
tão tematizado nas canções brasileiras como tem
sido feito em nosso tempo.

Quase todas as 31 músicas que analisamos
eram familiares, pois já foram ouvidas alguma vez
na vida dos autores deste estudo, em rádios, na vida
cotidiana (nas ruas, festas, comércio, redes sociais),
em propagandas, programas de TV, entre outros.

Apresentaremos a seguir os trechos
selecionados, incluindo entre parênteses o título da
música seguida do(s) intérprete(s) que a
gravou(aram) primeiro e o ano em que isso foi
feito. Os critérios para inserção foram primeiro o
ano de lançamento e segundo o nome das músicas
em ordem alfabética.

4.4.1 Álcool para esquecer os problemas

Como será visto a seguir, as músicas
analisadas trazem como mensagens que a decepção
amorosa, ser largado(a) pelo par, a dor existencial
gerada ao ver que a pessoa amada está feliz com
outra(o), não encontrar o amor, entre outros, são
motivos mais que suficientes para se entorpecer
com álcool.

Preciso de um calmante ou vou enlouquecer
[...] vou tentar me libertar. Nem que seja na
mesa de bar (Mesa de Bar; Conde do Forró,
2014).

[...] decepção não mata, mas ensina. A beber a
superar e dar a volta por cima. Nem que eu
deite a cabeça de tanta cerveja. Nem que eu
pare de beber só na próxima sexta (Mesa de
Bar; Conde do Forró, 2014).

[...] amor tá ruim de encontrar [...] Vamo beber pra não chorar (Cerveja e vinho; Wesley Safadão, 2016).

Tô na mesa do bar [...]. Hoje eu preciso, hoje eu tô carente. Hoje faz dois anos, hoje eu vou tomar (Na Mesa de Bar; Gabriel Gava, 2016).

Te perder. Foi a dor mais doída. Que eu senti na vida. Sem você. Joguei bebida na ferida. Que bom que o álcool cicatriza (Bebida na Ferida; Zé Neto e Cristiano, 2018)

Lá vai eu de novo tentar esquecer. Sabendo que o álcool não vai resolver. Mesmo assim eu insisto em beber (Eu Vou Beber, Bebê; Léo e Júnior, 2018).

[...] se por acaso eu não achar você. Eu vou beber, bebê, beber, bebê, beber, bebê, beber. Cachaça que entra. E a verdade que sai (Eu Vou Beber, Bebê; Léo e Júnior, 2018).

Já tomei pinga tomei vinho não adiantou. No final da noite eu só lembrava dela. Psicólogo não resolveu (Amor e cerveja; Os Parazim, 2019).

[...] a melhor bebida pra esquecer o amor. Pra você que separou mais ainda ama. Não tem remédio melhor que uma Brhama. Gelada pra ajudar aliviar. A falta que você, sente dela iê (Amor e cerveja; Os Parazim, 2019).

[...] até agora eu não descobri. Quantas latas eu vou precisar. Pra te tirar de mim. E aceitar o nosso triste fim (Cerveja, Sal e Limão; Matheus e Kauan, 2019).

Alô, AMBEV. Dobra a produção aí que a gente bebe. Eu mandei saudade, ela mandou vida que segue. Então segue sua vidona. Que eu sigo sofrendo e bebendo Brahma (Alô AMBEV; Zé Neto e Cristiano, 2020).

Se não resolve, ameniza, um dia passa. Deixa eu sofrer, deixa eu beber (Bebida e Fumaça; João Bosco e Vinícius, 2020).

[...] a cada trago que não te traz eu anestésio a dor e bato as cinzas (Esses Vícios; Zé Neto e Cristiano, 2020).

Eu vou pro bar e fico só imaginando. O que será que essa mulher tá aprontando? E, ao mesmo tempo, o copo enchendo, eu derramando (Eu vou bebendo; Mesa de Bar, 2020).

[...] vim aqui foi pra beber e passar raiva [...]. Eu bebo, cê beija, eu bebo, cê beija (Batom De Cereja; Israel e Rodolfo, 2021).

Quando eu saio, meu destino sempre é o bar. Se eu fico em casa, Netflix me faz chorar [...] de amor eu não mais sofrerei (Bebereis; Mesa de Bar, 2020).

Eu bebo, tu bebes, ele bebe, ela bebe, se vós beberes e ela beber, eu também beberei. Nem que eu tenha que acabar com toda a cachaça do mundo, sofrendo eu não ficarei. Eu sempre beberei (Bebereis; Mesa de Bar, 2020).

Me bateu uma saudade. Daquelas que o coração arde [...]. Lembrei que tô bloqueado. É muita raiva misturada com tristeza. Olha eu chorando e dando porrada na mesa. Derrama, derrama cerveja (Bloqueado, Gustavo Lima, 2021).

Tô sentindo na pele o que é uma dor. Me chamou pelo nome ao invés de amor [...]. Pra engolir esse fora. Preciso ficar tonto. O bar nem abriu mas já tem um cliente. Sobe logo essa porta ou eu vou quebrar o cadeado no dente. O bar nem abriu mas já tem um cliente. Tô ouvindo uns barulhos sei que aí dentro tem gente. A dor aqui tá forte. É caso de pinga ou morte (Caso de pinga ou morte; Guilherme e Benuto, 2021).

Chora, se der vontade, beija. E se quiser, a gente faz amor. Se não quiser, a gente toma uma cerveja (2x). E se beber demais e quiser ficar pra dormir. Tem saudade e roupa sua aí (Fica Pra Dormir; Zé Neto e Cristiano, 2021).

[...] garçom, pode botar. Traz cachaça aqui que hoje ele quer dar trabalho. A morena que eu quero tá em outra. E esquecer pra mim não é nenhuma opção (Morena; João Gomes, 2021).

Faz dar trabalho ao fígado mais do que ao coração (Morena; João Gomes, 2021).

Bota pra descer. Bota pra chorar. Passe o tempo que for, gatinha, eu vou lhe procurar [...] (Morena; João Gomes, 2021).

Se você visse alguém beijando o amor da sua vida. Você beberia ou não beberia? Você beberia ou não beberia? Não vem falar que é fraqueza minha (Você beberia ou não beberia?; Zé Neto e Cristiano, 2021).

Não há, portanto, ferida, dor, sentimento ruim que o álcool não possa curar com a dose, o tempo e o tipo de bebida certos. Em suma, a mensagem passada nas músicas analisadas é que é melhor se anestésiar do que viver o luto da perda e enfrentar a dor.

4.4.2 Banalização do alcoolismo

Apelidos, preconceitos, estereótipos e senso comum acerca das pessoas que vivem com a doença do alcoolismo também não faltam nas canções investigadas. A pessoa dependente também não deixa de ser apresentada como irresponsável, um sujeito que não está nem aí para a morte.

[...] eu gosto de curtir, gosto de dançar. E viver a vida. Gosto de beber, gosto de beijar. É farra todo dia. A vida é só uma. E temos que aproveitar. Porque quando se morre. Nada pode se levar (Beber Água de Bar; Gustavo Lima, 2012).

Tenho dois apelidos, pingüço e pé de cana (Só vou beber mais hoje; Humberto e Ronaldo, 2012).

Eu vou morrer mas eu não paro de beber. De porre, muito louco fui parar no hospital. O médico falou que eu tava muito mal. Disse que se eu continuasse a beber ia morrer (Não Paro de Beber; Gustavo Lima, 2016).

Quando eu vi o amarelinho com gelo. Eu não resisti, bebi. Eu vou morrer, eu vou morrer. Eu vou morrer mas eu não paro de beber. É mais forte que eu. Não consigo controlar. Nem tomando antibiótico eu consigo parar (Não Paro de Beber; Gustavo Lima, 2016).

Hoje alguém me segure que eu tô desmontado (Não Vou Parar de Beber; Mano Valter, 2016).

Esquecer é desculpa só pra beber mais (Eu Vou Beber, Bebê; Léo e Júnior, 2018).

Falei que não chapava, chapei [...]. Essa minha história dava um livro. É só beber que eu esqueço o prometido (Vai que bebereis; Henrique e Juliano, 2018).

Não diga dessa água nunca bebereis. Vai que bebereis. É praga de ex. Era pra ser um gole, eu me afoguei (Vai que bebereis; Henrique e Juliano, 2018).

Alô, dono do bar. Puxe uma moda. Que hoje vou me embriagar. E desce mais uma cerveja. Hoje não tem saideira. Traz cachaça pra minha mesa (Alô Dono do Bar; Wesley Safadão e Devinho, 2019).

Eu já perdi a noção do tempo. Hoje eu não fui trabalhar e nem pretendo amanhã (Cerveja, Sal e Limão; Matheus e Kauan, 2019).

Nenhum bar da cidade vende mais pra mim. Preferem o prejuízo que me ver assim (Cerveja, Sal e Limão; Matheus e Kauan, 2019).

Mulher toma uma decisão. Toma uma decisão. Ou vai morrer de cirrose. E aí, qual vai ser? Agora tu vai ter que escolher. Ou é eu ou a cachaça. Se decide bebê. Você tem duas opção. Amor ou o litrão [...] (Amor ou Litrão; Mila, Menor Nico e Petter Ferraz, 2020).

[...] esse carro tá bebendo menos do que eu [...] (Esses Vícios; Zé Neto e Cristiano, 2020).

Ou eu bebi demais ou pirei a cabeça. Tem um gênio na latinha de cerveja (Gênio da latinha; Pablo, 2020).

E já passou 365 dias. Só esse mês. Eu fui e voltei. Da sua porta a um bar de esquina. Dava pra ir pra China (Tempestade em copo de cerveja; Zé Neto e Cristiano, 2020).

Passou de sofrimento pra calamidade pessoal. Tô fazendo um brinde aqui. Pra quem não tá pensando agora em mim. Garrado na saudade. Batendo de raiva na mesa. Tempestade em copo de cerveja (Tempestade em copo de cerveja; Zé Neto e Cristiano, 2020).

Cê nem deve saber. Vou te contar como cê fez essa proeza [...]. Foi quando carinhosamente. Olhou no fundo dos meus olhos e disse. Vamo tomar uma. Aí cê me ganhou na hora. Já vejo a gente no altar. Saindo de lá, indo direto pro bar (Vamo Tomar Uma; Zé Neto e Cristiano, 2020).

Algumas vezes, como foi percebido, a mensagem passada é que, diante da morte, o alcoólatra adota tranquilamente o hedonismo, sem nenhum tipo de sofrimento pela escolha feita, como se ele não fosse um dependente químico.

4.4.3 Beber de maneira compulsiva

O consumo compulsivo de álcool também se faz presente nas letras das músicas analisadas seja por meio de grande quantidade de um mesmo tipo de bebida, seja pelo uso de diferentes tipos de produtos.

Na falta de amor e carinho, cerveja, vodka e vinho. Na falta de amor e paixão, tequila, cachaça e limão. Na falta de amor de verdade, só existe uma solução. Cerveja, vodka, vinho, uísque, tequila, cachaça, limão (Cerveja, Vodka e Vinho; Thiago Brava, 2013).

Se não tem amor e carinho. Desce cerveja e vinho. Desce, desce, desce. Rum amarelinho. Desce, desce, desce. Champanhe no baldinho (Cerveja e vinho; Wesley Safadão, 2016).

Dei uma talagada na primeira dose. Você está saindo de gole em gole (Eu Vou Beber, Bebê; Léo e Júnior, 2018).

Eu achei que eu bebia bem. É, mas estava errado. Me envolvi com a mulher que bebe dobrado. Não aguentei o embalo. Ela não tira o copo da mão. Cachaça é no gargalo (Amor ou Litrão; Mila, Menor Nico e Petter Ferraz, 2020).

Tô na mistura da bebida com a fumaça (Bebida e Fumaça; João Bosco e Vinícius, 2020).

[...] Entre o álcool e a nicotina têm você (Esses Vícios; Zé Neto e Cristiano, 2020).

Eu vou bebendo e o garçom enchendo. Eu vou bebendo, eu vou bebendo (Eu vou bebendo; Mesa de Bar, 2020).

Tô aqui bebendo. Em um botequim de esquina, cerveja e pinga (Bloqueado; Gustavo Lima, 2021).

Se acalme, que você já entornou dois litrão. E vou entornar mais doze, garçom, bota pra descer (Morena; João Gomes, 2021).

Apesar de as músicas “Bebida e Fumaça” (de João Bosco e Vinícius 2020) e “Esses Vícios” (de Zé Neto e Cristiano, 2020) não citarem o consumo exagerado de álcool, como é feito nas demais, está presente o consumo dessa droga em combinação com outra: o tabaco. Trata-se de uma menção importante, tendo em vista o conhecido papel de algumas das milhares de substâncias presentes no tabaco para a potencialização dos efeitos do álcool (HART, 2014).

Quanto ao consumo compulsivo de álcool em si – conhecido internacionalmente como *binge*

drinking (WECHSLER; AUSTIN, 1998) e chamado no Brasil de “beber em *binge*” –, as músicas analisadas estão repletas de exemplos de combinação de bebidas (cerveja, vodka, vinho, uísque, tequila e cachaça; cerveja, vinho, rum e champanhe; cerveja e pinga) e/ou de doses exageradas (virando a primeira dose de bebida de uma vez, em uma “talagada”; tomando 12 saideiras, fora as que perdeu a conta; bebendo álcool no gargalo, nem precisando de copo de tanto que se toma; mostrando a intenção de ingerir não dois, mas 14 litrões de cerveja).

O ato de beber em *binge* é definido como o consumo regular e/ou frequente de cinco ou mais bebidas consecutivas para homens e quatro ou mais para mulheres em um curto espaço de tempo (LARANJEIRA; PINSKY; ZALESKI; CAETANO, 2007; WECHSLER; AUSTIN, 1998). Trata-se de um comportamento de risco que pode gerar diversos problemas de saúde, já destacados anteriormente neste trabalho, além de “importantes modificações neurofisiológicas” que esse tipo de ingestão de álcool costuma gerar “desinibição comportamental, comprometimento cognitivo, diminuição da atenção, piora da capacidade de julgamento, diminuição da coordenação motora” (LARANJEIRA; PINSKY; ZALESKI; CAETANO, 2007, p. 48).

4.4.4 Álcool para festejar

Ainda que tenha aparecido poucas vezes, o consumo de álcool também é citado como sinônimo de felicidade:

Já preparei abasteci a geladeira. Tá lotada de cerveja o ruído vai ser bom demais. O prédio vai balançar quando a galera dançar. E a cachaça subir fazer zum zum. Não tem hora pra parar (Zuar e Beber; Henrique e Diego, 2013).

Não vou parar de beber. Não vou deixar de ir pra farra [...]. Hoje na minha festa só vai ter é Old Parr (Não Vou Parar de Beber, Mano Valter, 2016).

Pode ficar tranquilo. Eu já tomei a decisão. Não fica assim moção. O amor está no bar. E não dentro do coração (Amor ou Litrão; Mila, Menor Nico e Petter Ferraz, 2020).

Liberado o final de semana. O boteco me espera. Já convoca a galera. O meu freezer tá no menos um [...] (Tempo de beber; Gustavo Lima, 2021).

As quatro categorias de análise discutidas anteriormente indicam a ocorrência de uma mudança no sentido atribuído à droga álcool na música brasileira produzida mais recentemente. Talvez possamos falar em uma piora significativa no sentido que é atribuído a essa substância nas canções atuais (2013-2021) em comparação com as do outro período (1980-2011).

As músicas lançadas entre 1980 e 2011 retratavam o uso de álcool para esquecer os problemas – especialmente a ausência da pessoa amada –, mas, na maioria das vezes, não deixava de apresentar dúvidas ou citar problemas que esse consumo gerava.

As composições mais recentes até continuam a apontar que o álcool deve ser usado para esquecer a perda da mulher amada, mas percebemos que tanto os efeitos indesejados são silenciados como são passadas mensagens estimulando o consumo exagerado de bebidas alcoólicas (consumo em *binge*); muitas vezes, sugere-se a mistura de diferentes bebidas e até mesmo a combinação com a droga tabaco.

Além disso, as pessoas que têm problema com álcool são apresentadas nas obras musicais como hedonistas que não apenas não padecem com essa doença, como também escolhem tranquilamente morrer bebendo, na plenitude do prazer, sem culpas nem arrependimentos. Afinal,

se for para morrer, que se morra curtindo o máximo e até o fim.

Esses tipos de mensagens passadas pelas músicas acerca do álcool em nosso tempo são dignas de muita preocupação, tendo em vista o estudo realizado por Nutt, King, Saulsbury e Blakemore (2007), os quais nos revelaram que, na opinião de psiquiatras britânicos, especializados no tratamento de dependentes químicos, o álcool é uma droga que tem elevado poder para causar danos a seus usuários. Para ter uma ideia da dimensão do problema, os psiquiatras investigados afirmam que o álcool perde em produção de dano (físico, psíquico e na saúde) apenas para heroína (1.º lugar em dano), cocaína (2.º), barbitúricos (3.º) e metadona de rua (4.º), ficando, inclusive à frente de outras drogas enxergadas pela opinião pública como muito mais danosas, tais como: ketamina (6.º), benzodiazepínicos (7.º), anfetamina (8.º), tabaco (9.º), maconha (11.º), solventes (12.º), LSD (14.º), êxtase (18.º) e khat (20.º).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível percebermos ao longo deste trabalho, o uso problemático de álcool é uma questão de saúde pública que tem possibilidade de piorar nos próximos anos, com uma importante contribuição trazida por compositores e cantores da música brasileira. Apesar desse apontamento, não temos dúvida de que as músicas não são as únicas responsáveis pelo aumento do consumo de álcool de maneira problemática entre os brasileiros, sendo necessário atuar em outra frente.

Contudo, não há como negar que essas canções fazem parte de um fenômeno de mão dupla: **por um lado, as produções brasileiras que tratam do álcool são expressão viva do**

comportamento assumido por parte de nossa sociedade em relação à esse entorpecente, retratando, inclusive, o aumento no consumo dessa droga que muitas pesquisas demonstram; **por outro, a música tem contribuído sobremaneira na normalização do uso problemático, bem como na celebração da droga álcool em nossa sociedade.**

Se levarmos em conta que crianças, adolescentes e jovens são importantes receptores diretos e indiretos das canções produzidas em solo brasileiro e que a percepção e a resposta que damos à música são muito influenciadas por nossos sistemas de valores (SWANWICK, 2014), não temos dúvida de que as mensagens mais recentemente transmitidas pelas canções brasileiras podem significar um jeito ainda mais permissivo, para dizer o mínimo, de esses sujeitos encararem o álcool e seu consumo problemático quando entrarem na idade adulta.

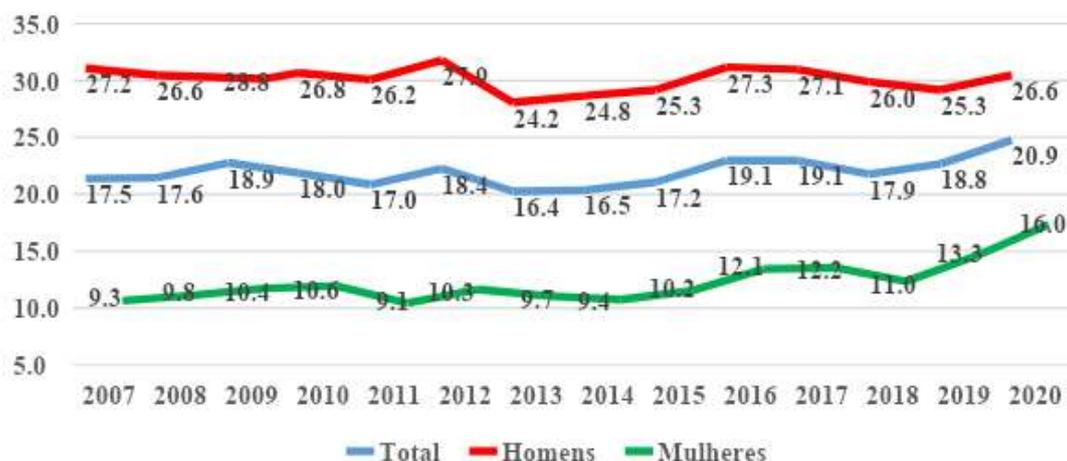
Por se tratar de uma droga legalizada, lucrativa para quem produz e apresenta uma tendência no aumento na produção, consumo e lucros da indústria do álcool para os próximos anos, sabemos que medidas duras, mas necessárias

contra esse entorpecente por parte do poder público brasileiro, não serão fáceis nem simples de adotar.

Maior taxação do álcool pode ser uma medida interessante, desde que seja dada a garantia de que ao menos parte desse aumento na arrecadação em impostos seja destinada ao investimento em: políticas públicas de saúde e educação no tratamento e prevenção ao uso problemático de álcool entre adolescentes, jovens e adultos; formação de professores para que os docentes estejam aptos a abordar essa questão dentro dos muros escolares, recorrendo a conhecimentos científicos e deixando de reproduzir estereótipos e preconceitos acerca do alcoolismo e das pessoas que fazem uso problemático de álcool.

Por fim, esperamos que este estudo incentive outros pesquisadores a problematizar a questão do álcool tanto na música quanto em todos os âmbitos da sociedade brasileira, questionando, inclusive, toda a permissividade que se dá a uma droga que gera tantos prejuízos sociais e econômicos e acarreta a vida e a saúde dos brasileiros.

Gráfico 1 – Consumo abusivo de bebidas alcoólicas entre os entrevistados pelo VIGITEL Brasil.



Fonte: Criado pelos autores com base nos dados obtidos do VIGITEL Brasil: 2007-2020.

Tabela 1 – Percentual de homens e mulheres com idade igual ou maior que 18 anos que usaram álcool de maneira abusiva por períodos específicos

Ano	% por gênero		Média do % entre 2007 e 2011		Média do % entre 2012 e 2016		Média do % entre 2017 e 2020	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
2007	27,2	9,3			-	-	-	-
2008	26,6	9,8			-	-	-	-
2009	28,8	10,4	27,1	9,8	-	-	-	-
2010	26,8	10,6			-	-	-	-
2011	26,2	9,1			-	-	-	-
2012	27,9	10,3	-	-			-	-
2013	24,2	9,7	-	-			-	-
2014	24,8	9,4	-	-	25,9	10,3	-	-
2015	25,3	10,2	-	-			-	-
2016	27,3	12,1	-	-			-	-
2017	27,1	12,2	-	-	-	-		
2018	26,0	11,0	-	-	-	-	26,3	13,1
2019	25,3	13,3	-	-	-	-		
2020	26,6	16,0	-	-	-	-		
MÉDIA	26,4	11,0	-	-	-	-	-	-
MEDIANA	26,6	10,4	-	-	-	-	-	-
% menor de 2007 a 2020	24,2	9,1	-	-	-	-	-	-
% maior de 2007 a 2020	28,8	16,0	-	-	-	-	-	-

Fonte: Criado pelos autores com base nos dados obtidos do VIGITEL Brasil: 2007-2020.

6. AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 a quem agradecemos profundamente.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Thaís Alves *et al.* Acidentes de trânsito e sua relação com o consumo de álcool: revisão integrativa. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, Recife, v. 9, supl. 5, p. 8437-8443, jun. 2015.

ANTHONY, James C. Consumo nocivo de álcool: dados epidemiológicos mundiais. In: ANDRADE; Arthur Guerra de; ANTHONY,

James C.; SILVEIRA; Camila Magalhães (ed.). **Álcool e suas consequências**: uma abordagem multiconceitual. Barueri: Minha Editora, 2009. p. 1-36.

BARBOZA, Adriano Andrade; CARDOSO, Rosilene da Silva. O uso precoce do álcool por adolescentes no Brasil e uma proposta de intervenção no espaço social comunitário, referenciado em Carl Rogers. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, Florianópolis, v. 13, n. 21, p. 47-64, 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BECKER, Howard S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRASIL. **Decreto nº 2.861, de 8 de julho de 1914**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-2861-8-julho-1914-575437->

[publicacaooriginal-98630-pl.html](#). Acesso em: 28 dez. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 4.294, de 6 de julho de 1921**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-4294-6-julho-1921-569300-republicacao-92584-pl.html>. Acesso em: 28 dez. 2021.

BRASIL. **Lei nº 847, de 11 de outubro de 1890**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 28 dez. 2021.

CIENTÍFICOS SOBRE RUEDAS BIG VAN. **Si venimos del mono, ¿por qué somos tan cerdos?: y otras preguntas interesantes, locas, frikis y descacharrantes de la ciencia... y sus alrededores**. 3. ed. Madrid: La Esfera de los Libros, 2016.

COHEN, David. **Freud e a cocaína**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

COUTINHO, Evandro Silva Freire *et al.* Cost of diseases related to alcohol consumption in the Brazilian Unified Health System. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 50:28, 2016.

DAMASCENA, Giseli Nogueira *et al.* Consumo abusivo de álcool e envolvimento em acidentes de trânsito na população brasileira, 2013. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 12, dez. 2016.

ESCOHOTADO, Antonio. **Historia general de las drogas**. 8. ed. Madrid: Espasa, 2008.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 5. ed. 1. reimpr. Campinas: Autores Associados, 2021.

FUBINI, Enrico. **Estética da música**. Lisboa: Edições 70, 2019.

GALDURÓZ, José Carlos F.; CAETANO, Raul. Epidemiologia do uso de álcool no Brasil. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 26, suplemento 1, p. 3-6, 2004.

GARCIA, Leila Posenato; FREITAS, Lucia Rolim Santana; GAWRYSZEWSKI, Vilma Pinheiro; DUARTE, Elisabeth Carmen. Uso de álcool como causa necessária de morte no Brasil, 2010 a 2012. **Revista Panamericana de Salud Pública**, Washington, v. 38, n. 4, p. 418-424, 2015.

HAMILTON, Olavo. **Drogas: criminalização simbólica**. Natal: OWL, 2019.

HART, Carl. **Um preço muito alto: a jornada de um neurocientista que desafia nossa visão sobre as drogas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

HUTT, Peter Barton. **The image and politics of Coca-Cola: from the early years to the present**. Harvard Library, 2001. Disponível em:

<https://dash.harvard.edu/handle/1/8852150>.

Acesso em: 27 dez. 2021.

LARANJEIRA, Ronaldo; PINSKY, Ilana; ZALESKI, Marcos; CAETANO, Raul. **I Levantamento nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira**. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas, 2007.

LAVOIX, Henri. **Historia de la musica**. 2. ed. Madrid: Sáenz de Jubera Hermanos, 1909. E-book.

LIOTO, Mariana. **Felicidade engarrafada: bebidas alcoólicas em músicas sertanejas**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2012.

LOPES, Eduardo; SILVA, Tereza Raquel Alcântara; GUERRA, Anselmo. Música e convergências. **Revista Música Hodie**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 166-167, 2018.

MARTINDALE, Willian. **Coca, cocaine an its salts: their history, medical and economic uses, and medicinal preparations**. London: Lewis, 1886.

MOROJELE, Neo K. *et al.* Alcohol use and the risk of communicable diseases. **Nutrients**, v. 13, n. 10, p. 1-19, 2021. DOI: 10.3390/nu13103317.

NUTT, David; KING, Leslie A.; SAULSBURY, William; BLAKEMORE, Colin. Development of a rational scale to assess the harm of drugs of potential misuse. **The Lancet: Health Policy**, v. 369, n. 9566, p. 965-1054, mar., 2007.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Uso de álcool durante a pandemia de COVID-19 na América Latina e no Caribe**. Brasília: OPAS, 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52936>.

Acesso em 25 dez. 2021.

PASQUALI, Marina. **Alcoholic beverages in Brazil: statistics & facts**. Statista, 2021. Disponível em:

<https://www.statista.com/topics/4673/alcoholic-beverages-in-brazil/#dossierKeyfigures>. Acesso em: 24 dez. 2021.

PENDERGRAST, Mark. **For god, country & Coca-Cola: the definitive history of the great american soft drink and the company that makes it**. New York: Basic Books, 2013.

REHM, Jürgen *et al.* The relation between different dimensions of alcohol consumption and burden of disease: an overview. **Addiction**, v. 105, n. 5, p. 817-843, may. 2010.

RIBEIRO, Maurides de Melo. **Drogas e redução de danos: os direitos das pessoas que usam drogas**. São Paulo: Saraiva, 2013.

SACKS, Oliver. **Alucinações musicais:** relatos sobre a música e o cérebro. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

SCHATZMAN, Morton; SABBADINI, Andrea; FORTI, Laura. Coca and cocaine: a bibliography, **Journal of Psychoactive Drugs**, San Francisco, California, v. 8, n. 2, p. 95-128, 1976.

STATISTA. **Worldwide alcoholic beverage market revenue from 2012 to 2025.** 2022. Disponível em: <https://www.statista.com/forecasts/696641/market-value-alcoholic-beverages-worldwide>. Acesso em: 1 jan. 2022.

SWANWICK, Keith. **Música, mente e educação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

VIGITEL Brasil. **Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico: 2007-2020.** Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/publicacoes-svs/vigitel>. Acesso em 17 dez. 2021.

WECHSLER, Henry, AUSTIN, S. Bryn. Binge drinking: the five/four measure. **Journal of Studies on Alcohol**, v. 59, n. 1, p. 122-124, 1998.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global status report on alcohol and health - 2018.** Geneva: World Health Organization, 2018.

Walk Loureiro

Doutor em Ciências pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ-RJ). Mestre em Educação Física pela UFES. Licenciado Pleno em Educação Física pela UFES. Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professor da Prefeitura Municipal de Vitória.

Paulo Pires de Queiroz

Cientista Social pela Universidade Federal Fluminense. PhD em Filosofia e Humanidades pela Columbia Pacific University. Professor e pesquisador dos Programas de Pós-Graduação CMPDI e PGCTIn/UFF e Ensino em Biociências e Saúde/IOC/FIOCRUZ.
